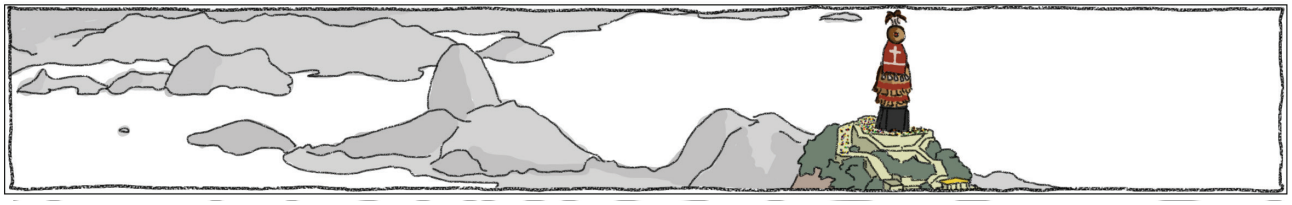
PROD

A REVOLUÇÃO CUBANA ATINGE A TERCEIRA IDADE

texto **Vanessa Lea**
imagens **Julia Lea de Toledo**



"O número de pontos de vista possíveis é infinito. De fato, quando se imagina interpretação como um ponto de vista, incompletude se manifesta no próprio exercício interpretativo". "O sujeito que interpreta parece, então, sempre posicionado para agir de um ponto de vista, portanto, tem uma perspectiva dos eventos que nunca coincide inteiramente com aquela de outrem".

Marilyn Strathern (1999: 235 e 237)

Apresentação

Minha primeira tentativa de visitar Cuba foi em 1972. Na época, eu vivia na Inglaterra e, devido à recente expulsão de um diplomata cubano do Reino Unido, meu visto não foi concedido. Eu pretendia estudar literatura cubana pós-revolucionária na Universidade de Essex, na graduação, influenciada pela disciplina de Estudos Latino-Americanos que, em 1971, abordava as Revoluções em Cuba e na União Soviética.[1]

[1] Ao lado dos Estudos Latino-Americanos, havia alunos que seguiam a disciplina de Estudos Europeus, Norte-Americanos e Soviéticos. Nesse percurso, já havíamos estudado a Revolução Francesa. Acabei trocando Literatura pelas Ciências Sociais por motivos irrelevantes para este ensaio.

A oportunidade de visitar Cuba surgiu novamente em 2013 e, com ela, a possibilidade de comemorar meu aniversário de 60 anos em Havana, junto com o 60º aniversário da Revolução, corporificando (*embodying*) pessoalmente a duração desse evento, já que nasci no dia do ataque rebelde ao Quartel Moncada – 26 de julho de 1953. Durante a estadia em Cuba, cada vez que alguém examinava meu passaporte, olhava-me com uma mistura de surpresa e curiosidade, ao se dar conta da coincidência cronológica entre a Cuba pós-revolucionária e a minha trajetória pessoal.

Este texto, em alguma medida, é uma maneira de digerir esta experiência em Cuba, tão contrastante com minhas recordações enquanto aluna de graduação. Durante três semanas, em companhia da minha filha, Julia, e do seu namorado, viajei cerca de 2.000 km pela metade ocidental do arquipélago de Cuba.[2] Julia é parceira do *joint-venture* que resultou neste ensaio experimental. Mesmo de férias, a(o) antropóloga(o) dificilmente consegue abdicar de sua observação dos detalhes em cada situação na qual se encontra. Este relato homenageia a energia inesgotável e a engenhosidade do povo cubano perante tantas adversidades.

Palavras *versus* imagens: a fronteira entre o campo visual e o texto

Durante a graduação, me atraía o estilo que permite visualizar o que está sendo descrito. Em 2011, a discussão do livro *Les lances du crépuscule. Relations Jivaros, Haute-Amazonie* (1993),[3] de Philippe Descola, narrando sua experiência de pesquisa de campo no Equador, suscitou reações instigantes em meus alunos de Pós-Graduação na UNICAMP, sobretudo no que diz respeito à fronteira entre etnografia e literatura, ciência e ficção. Descola frisa que não se considera dotado da imaginação de um literato, apenas quis estreitar o hiato entre o círculo endogâmico dos antropólogos e os leitores não-acadêmicos, comentando que os historiadores costumam ter mais sucesso nisso do que seus colegas de profissão.

Ao ler obras literárias contemporâneas, tais como a coletânea de ensaios de Caryl Phillips[4] (2011) sobre migração e pertencimento (*belonging*), senti a carência de uma abordagem mais antropológica e reflexiva acerca de noções como identidade e cultura, que esse autor parece considerar relativamente auto-evidentes e não problemáticas, apesar da angústia que lhe

[2] Paolo Vargas, que fez parte do trio que empreendeu a viagem, merece agradecimentos especiais por suas contribuições múltiplas. A maioria das pessoas mencionada no texto teve seus nomes omitidos a fim de manter sua privacidade e evitar represálias.

[3] Foi traduzido em português como *As Lanças do Crepúsculo*, publicado no Brasil em 2006.

[4] Este autor nasceu em St Kitts, no Caribe, e foi criado em Yorkshire, Inglaterra. Atualmente mora nos EUA, onde trabalha na Universidade de Yale como professor de literatura inglesa. Menciona os antropólogos três vezes no seu livro de 2011, sempre de forma depreciativa, acusando-os de tratar seus interlocutores com escárnio (*sneering*). Phillips parece não ter vislumbrado o fato de que os indígenas (ou *First Peoples*) norte-americanos foram atingidos pela diáspora tanto quanto os descendentes dos escravos africanos. O mundo indígena foi deslocado mesmo quando não foram expulsos de suas terras, embora muitos tenham tido seus territórios expropriados de forma brutal e tantos outros tenham sido exterminados.

causaram. Em outras palavras, se os antropólogos tendem a ser excessivamente acadêmicos e herméticos, escritores de literatura tendem a tomar o contexto social como dado.

Ao redigir este texto, assisti por acaso a uma entrevista com Silvia Baron Supervielle (na TV5), a respeito de seu livro *Lettres à des photographies*, publicado em 2013. Ao investigar esse livro, encontrei um artigo de Olivier Beuvelet, na internet, de onde provém a seguinte citação:

> "Para um espectador normalmente informado, a presença fotográfica é (se apresenta cognitivamente como...) uma presença da origem da imagem em si, ou seja, uma presença atual da presença passada daquilo que foi 'impresso' na superfície sensível".[5]

Esse é um dos motivos pelos quais as pessoas se sentem mais atraídas pelas imagens do que pelas palavras. No entanto, pode-se argumentar que, apesar de haver alguma sobreposição entre a comunicabilidade de palavras e de imagens, há assuntos mais apropriados para as palavras, enquanto fenômenos como pintura – seja no corpo ou numa tela – somente podem ser apreendidos visualmente.[6] Essa questão foi levantada para esclarecer que este exercício experimental de complementaridade de palavras e imagens não pretende estabelecer um diálogo mútuo entre o texto e as imagens da co-autora. O que se busca, aqui, é criar perspectivas paralelas e simultâneas. Tal paralelismo não se reduz à dicotomia palavras *versus* imagens, mas é fruto das perspectivas distintas das autoras, devido à sua distância geracional, além das diferentes trajetórias de vida.[7] Até terminar a redação do texto, evitei propositalmente olhar as imagens de Julia para não cair na tentação de escrever para explicá-las, sugerindo que a co-autora também evitasse ilustrar o texto com seu ensaio imagético. As duas abordagens são autônomas, apesar do fato de que, em Cuba, solicitei que determinadas imagens fossem registradas.

A virada ontológica na Antropologia[8]

A Antropologia Social praticamente abandonou a noção de relativismo porque, entre outros motivos, não consegue mediar conflitos socioculturais. Nos últimos anos, os antropólogos,

[5] Nesse texto, todas as traduções de textos são de minha autoria.

[6] Diagramas são outra opção, mas não são diretamente relevantes a este ensaio.

[7] É notável a frequência com que os cônjuges costumam citar as publicações de seus parceiros sem explicitarem que estão casados. Se este texto fosse rigorosamente acadêmico, em vez de um ensaio experimental ou uma crônica, a parceria poderia suscitar queixas de nepotismo. Não é incomum que os(as) filhos(as) de médicos, atores e outros elejam a profissão de um dos pais; algo que dá o que pensar em relação à dificuldade de publicar em co-autoria com outros parentes. De qualquer modo, é impossível não especificar a relação entre co-autoras que compartilham o mesmo sobrenome.

[8] Este subtítulo foi inspirado por uma palestra dada por Mauro Almeida em setembro de 2013, na UNICAMP, intitulada: "What is the ontological turn in Anthropology?" A ocasião foi a IVª Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (IVª ReACT). A questão de ontologias é também abordada num artigo desse mesmo autor (2013a). Para acesso a esse debate com maior disponibilidade, incluindo a participação de E. Viveiros de Castro, veja Holbraad, Martin e Pedersen, Morten Axel, 1914. O não-antropólogo talvez prefira pular para a próxima sessão.

inspirados pelos filósofos, apropriaram-se do termo ontologia e da noção de coexistência de múltiplas ontologias. *Cultura*, a 'invenção' da Antropologia Social (Tylor, 1871), vem sendo usada em demasia.[9] Lévi-Strauss (1962) recomendou o abandono do conceito de totemismo, porque se tornara tão eclético que ficou ininteligível; hoje em dia é usado principalmente num sentido metafórico. A noção de cultura foi apropriada pela Direita na Europa, como ferramenta para discriminar os imigrantes, acusados de macular a pureza da cultura francesa ou britânica, para mencionar apenas dois países.[10] No Brasil, a cultura vem sendo usada recentemente entre aspas (Carneiro da Cunha 2009), na tentativa de lidar com sua reificação.[11] Com o aumento da disponibilidade de serviços em escala mundial, especialmente o turismo como alternativa econômica à produção e ao consumo de bens materiais, a cultura vem adquirindo gradativamente o status de uma *commodity*. O atual *boom* na legislação referente ao legado[12] mundial de propriedade imaterial é mais um incentivo para cada país maximizar aquilo que é reconhecido como cultura – material e imaterial –, para promover o turismo.

Almeida (2009), inspirado pelo filósofo brasileiro Newton da Costa, lança mão da expressão "guerras ontológicos".[13] É esse viés conflitivo (Almeida 2013a) que considero profícuo para superar os impasses do relativismo.[14] Holbraad (2007), no seu estudo de um culto afrocubano, usa o conceito de ontologia para desvendar a lógica interna do culto mas, ao meu ver, transforma-o em um fenômeno *sui generis*, o que arrisca um retorno ao nominalismo (uma questão que foge do contexto deste ensaio). O que faz falta na antropologia são recursos teóricos para lidar com os embates pelo poder.

Se me permito esse aparente desvio da realidade de Cuba, é porque aquele país oferece um contexto que convida a formulá-lo em termos de conflitos ontológicos. Há três 'universos' ou referenciais que convivem no mesmo espaço sem se confundirem: o governo, que prega o socialismo 'sustentável'; o povo, que vive outra realidade, uma adaptação para lidar com o Estado e a crise econômica; e, em terceiro lugar, os turistas estrangeiros, com suas próprias

[9] Na época da minha pós-graduação na Universidade de Oxford (1974-76), os ingleses orgulhavam-se de estudar antropologia social enquanto os norte-americanos lidavam com antropologia cultural.

[10] Verena Stolcke (1993a e b) analisa essa questão de forma muito competente.

[11] Stephen Hugh-Jones afirmou (comunicação verbal) que também usara a expressão "cultura entre aspas" décadas atrás. Porém, seu uso se disseminou no Brasil após a publicação da coletânea de ensaios de Carneiro da Cunha que leva esse nome (2009).

[12] Opto por utilizar o termo legado, pois o termo 'patrimônio', correntemente usado nesse sentido, no Brasil, parece-me ressuscitar o patriarcalismo.

[13] A noção de ontologias conflitantes, ou que se sobrepõem, pode ser ilustrada por um exemplo simples proveniente da minha própria pesquisa de campo. Os Mebengokre (como muitos povos ameríndios) consideram impossível que uma mulher engravide como resultado de uma única relação sexual. Do ponto de vista deles, o feto é construído pelo acúmulo gradativo de sêmen, como se fosse uma bola de neve. A noção de paternidade partível (envolvendo co-pais) é igualmente disseminada nas terras baixas da América do Sul, mas isso não impede um não-indígena de perguntar para um ameríndio quem é seu pai e de obter uma resposta. Tal encaixe de significado se assemelha a um diagrama Venn composto por dois círculos que se sobrepõem parcialmente – noções euro-americanas e ameríndias se ajustam para possibilitar a comunicação.

[14] A primeira incursão da autora nesse debate foi em 2013. Enquanto etnóloga que estuda a Amazônia, é impossível relativizar o conflito entre ruralistas e povos indígenas.

experiências e pontos de vista.[15] Muitos deles ignoram as ruminações tanto do governo, quanto do povo. De modo geral, contentam-se com o sol, a diversão, a boa comida, a bebida e a música, a hospedagem confortável, além das fotografias para levar para casa ou postar no Facebook. Cuba satisfaz todos esses critérios.

Uma vez justificada a adoção da ideia de ontologias conflitantes para pensar sobre Cuba, convém destacar outra referência antropológica que se revelou fértil: o neologismo 'merográfico' (*merographic*), de Marilyn Strathern (1992: 204-5). A autora tenta explicar o termo numa longa nota de pé de página (nº 21), incorporando a palavra grega *meros* – 'parte' ou 'compartilhar'. As citações seguintes (de duas de suas obras) deixam isso mais claro:

> "Poderíamos imaginar duas pessoas, cada uma habitando o campo visual da outra. A conexão merográfica funciona ao deixar de lado um dos pontos de vista para ver as coisas de uma perspectiva 'totalmente' nova" (1999: 247).
>
> "A elucidação de diversos sistemas ou domínios distintos, cada um com seus próprios princípios lógicos, cada qual fornecendo uma perspectiva particular de alguma coisa, exemplifica a impossibilidade de imaginar uma totalidade" (1992: 131).

O termo 'merográfico' pode ser considerado um precursor do perspectivismo, tal como desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro, a partir de 1996, em contraposição ao animismo, formulado por Descola (1986, passim). Conforme observou Almeida (2013), a virada ontológica na antropologia está relacionada ao perspectivismo no que diz respeito ao deslocamento do sujeito proposto por esta última abordagem.[16] Algumas das pesquisas mais inovadoras nessa área estão sendo realizadas atualmente por linguistas, psicólogos e antropólogos-linguístas, mais do que por antropólogos sociais. Algo exemplificado admiravelmente pelo livro *Dying Words: Endangered Languages and What They Have To Tell Us*, de Nicholas Evans (2010). Trata-se de uma apresentação às línguas do mundo que inclui uma discussão atualizada sobre o relativismo linguístico. Descreve, por exemplo (e simplificando), como um aborígene australiano pode localizar algo no supermercado com referência aos pontos cardeais e não a si mesmo.

É cada vez mais comum num mundo "globalizado" a convivência diária com ontologias que não se compartilha. São tidas como racionais por seus praticantes, embora se aproximem mais à fé religiosa por serem irrefutáveis. O modelo econômico hegemônico de crescimento perene é um exemplo entre tantos outros.

---

[15] Num debate sobre a noção de ontologia *versus* a de cultura, Matei Candea (2010:177) afirma: "Em princípio seria possível mapear diferenças ontológicas entre... aldeões nacionalistas e anti-nacionalistas na Córsega setentrional, etc, etc - mas até agora isso não tem sido a norma nos relatos antropológicos referentes a ontologia." E, seguindo o raciocínio desse mesmo autor (2010: 178), uso os termos Estado, povo e turistas de modo *heurístico* e *estratégico*. Evidentemente, há discordâncias e falta de consenso dentro de cada uma dessas três categorias.

[16] Analiso os termos triádicos na língua mebengokre que abrangem três elementos em uma relação, não apenas o locutor e o interlocutor (Lea, 2004).

O cristianismo apoderou-se do solstício do calendário pagão europeu (21 de dezembro), substituindo-o pelo Natal.[17] Atualmente, esta data é uma analogia moderna do *potlatch* dos indígenas norte-americanos, no qual as pessoas materializam suas relações via a circulação de presentes. Recentemente, no Canadá, criou-se um site para permutar dádivas indesejáveis pela internet, subdivididas em duas categorias: presentes indesejados e repetidos. No Brasil, os shoppings reservam a semana depois do Natal para a troca de presentes indesejados, ou do tamanho errado. Ora, em Cuba, ainda é possível experimentar um mundo onde o consumo desenfreado inexiste.

Cuba: introdução

Os cubanos precisam ser extremamente engenhosos para sobreviver economicamente. São educados e muito pacientes, essa última qualidade sendo reconhecida pelos próprios cubanos como indispensável para lidar com a realidade cubana. Precisam aprender a conviver com filas para tudo e a sobreviver com muito pouco. Uma amiga brasileira (a saudosa Bel Baltar) me falou, há mais de uma década, que os cubanos lembram em temperamento os brasileiros, uma observação igualmente válida hoje em dia. São exuberantes, extrovertidos e expansivos. E, como os brasileiros, gostam de festejar. Sem dúvida, o aspecto mais notável e ultrajante de Cuba é o embargo econômico, que impôs o isolamento relativo desse país do resto do mundo desde 1958. O repúdio contra o embargo e suas consequências nefastas talvez seja o único consenso que une todos os cubanos que permanecem no país. É em relação ao *apartheid* econômico, que separa os cidadãos dos turistas, que Cuba exemplifica a coexistência de ontologias distintas.[18] Os cubanos e os turistas habitam mundos distintos dentro de um mesmo espaço físico, algo exacerbado quando os turistas não sabem falar espanhol, impedindo a comunicação verbal, já que poucos cubanos falam mais do que algumas frases elementares de inglês. Até recentemente, era necessário preencher um formulário ao passar pela alfândega, informando em que hotel o visitante se hospedaria ao chegar. Os turistas precisam ficar em hotéis ou em casas particulares registrados pelo Estado.

Os cubanos ganham e usam *pesos*, enquanto os turistas pagam por tudo em *pesos convertibles*. Essa última moeda é também conhecida como *divisa*, e oficialmente como CUC, mas geralmente designada apenas por *cucs*.[19] Ao pagar a conta de um almoço com pesos cubanos, é necessária uma pilha de notas; a quantidade de notas diminui consideravelmente ao pagar em *cucs*, materializando perante seus olhos a discrepância entre o valor relativo das duas moedas.

[17] Ver Lévi-Strauss (1982) para um belo ensaio sobre o Papai Noel.

[18] Uma situação semelhante me foi descrita em Moscou onde, no passado, o acesso dos russos aos hotéis que hospedavam os turistas era proibido.

[19] Em meados de 2013, um *cuc* valia aproximadamente US$ 0,80 (apesar da suposta paridade com o dólar) e 25 pesos cubanos valiam um *cuc*.

A época da velha aliança com a ex-União Soviética é geralmente lembrada com nostalgia, como um período de fartura e de dinamismo econômico. Algo derivado do bloqueio comercial é a figura do "inovador", um termo usado para descrever um engenheiro que consegue fabricar uma peça de máquina que ficou indisponível após o embargo. Um deles, com quem conversamos, hoje com mais de 60 anos, trabalha numa fábrica oito horas ou mais por dia; depois de aposentar-se oficialmente, trabalha apenas para sobreviver, apesar de mancar devido à osteoporose. Na época soviética, visitou a URSS e a Suíça (junto com sua esposa), para aprimorar suas habilidades e, enquanto trabalhador exemplar, servir de incentivo para os demais. Atualmente vive com esposa e filha num apartamento de duas peças, acima do apartamento de sua sogra. Até certo ponto, todos os cubanos precisam ser inovadores para fazer face às despesas. Vimos uma casa cuja parede externa foi feita inteiramente de letreiros de metal de propaganda de Coca-Cola, já totalmente enferrujada.

O colapso da União Soviética iniciou o que é designado como o "*período especial*", quando as pessoas literalmente emagreceram de fome. Até certa medida, a China atualmente desempenha o papel de aliado comunista. Substituiu, parcialmente, os ônibus em mal estado de conservação, mas, aparentemente, se recusou a honrar as garantias de conserto enquanto o governo não melhorar as estradas, cheias de buracos. Os turistas podem alugar carros chineses, e os caixas eletrônicos são importados da China, ostentando os caracteres de seu país de origem. É surreal avistar ônibus públicos exibindo o letreiro "Écoliers", no vidro traseiro; vieram do Canadá francês. Aquele país começou a enviar caminhões e bens a Cuba, tais como roupas usadas e computadores obsoletos. Um documentarista cubano reclamou que, recentemente, o governo gastara mais dinheiro hospedando e alimentando tais benfeitores evangélicos que se tivesse comprado roupas e computadores novos para seus cidadãos.

Alimentação

A maioria dos cubanos tem que se contentar com alimentos muito básicos; temperos são praticamente indisponíveis e molho de salada se reduz a óleo de soja e vinagre. As pessoas mais pobres passam fome, apesar das cadernetas de racionamento que existem até hoje.[20] No passado, o racionamento abrangia sabonete, sabão e até tabaco, mas, a partir de 1991, início do "período especial", a lista diminuiu gradativamente, limitando-se aos itens básicos como arroz, feijão preto, óleo de soja, açúcar e café. Tais itens podem ser comprados do Estado por preços irrisórios, mas a quantidade disponível por pessoa dura apenas uma semana ou duas, de acordo com os cálculos mencionados por nossos interlocutores. Apesar de ser um país que cultiva café, o pó de café vendido aos cubanos tem um gosto ruim ao paladar brasileiro. Ouvimos que é misturado com casca de grão de bico para render mais. Alguns alimentos precisam ser importados devido aos meios ultrapassados de cultivo. Atualmente o governo importa produtos como arroz do Brasil e até do Vietnã.

[20] Patrícia Carvalho chamou atenção para a analogia com a cesta básica no Brasil.

É possível adquirir pão racionado, pago em pesos, que é muito leve e não nutritivo; outras opções estão disponíveis pagando em *cucs*. Manteiga e até margarina tendem a ser inexistentes, a não ser que você seja turista ou ocupe os escalões sociais mais elevados. Há alguma variação no racionamento de uma região a outra. Em Havana cada pessoa tem direito a dez ovos por mês, enquanto no Oriente (Cuba Oriental), se tem direito a apenas dois. O Estado pressupõe que lá você pode criar galinhas, independentemente de você poder de fato ou não, como reclamou um homem cuja mãe morava naquela região e não tinha espaço para criar galinhas. O Estado tenta restringir a migração do Oriente a Havana e os migrantes internos têm dificuldade em instalar-se ali, além de sofrerem discriminação.

O cubano médio não come carne de boi; ela é reservada para mulheres grávidas e outras pessoas com necessidades especiais. Os turistas consomem carne de boi à vontade. A maioria dos cubanos consome carne de porco, frango e mortadela, quando disponíveis a preços alcançáveis. Apesar de morarem numa ilha rodeada de água, os cubanos raramente comem peixe ou camarão. São também reservados aos turistas e, junto com lagosta, encontram-se disponíveis em todos os cardápios que atendem aos turistas.

Muitas pessoas criam um porco até o ponto de seu abate; seus roncos e gritos agudos podem ser ouvidos pela vizinhança. Em Havana, o animal costuma ser criado num abrigo ao lado da casa. Enquanto em Viñales, no campo, onde ficamos hospedados, o porco da família alimentava-se ao ar livre durante o dia e somente era levado ao abrigo de noite. O Presidente Raúl Castro cogitava a ideia de proibir a criação doméstica de porcos, pelo risco de causar cólera através da contaminação da água. Esta proposta acabou não se materializando durante nossa estadia em Cuba e provavelmente causaria uma revolta se fosse adotada. Os cubanos engordam porcos para serem vendidos em troca de *pesos convertibles*, não para comer carne de porco. Depois compram pequenas porções para seu próprio consumo, também pagas em *pesos convertibles.*

A economia

Furtos ocorrem a cada elo da cadeia; por exemplo, uma determinada quantia de peixe que chega num barco é desviada para ser vendida extra-oficialmente, para obter *cucs*. Os intermediários fazem a mesma coisa, como também fazem os cozinheiros nos hotéis. Alguém comentou que os velhos internados em abrigos consomem sopa aguada porque a equipe na cozinha revende o frango e outros ingredientes destinados à sopa para compensar seus baixos salários. Quando a polícia confisca mercadorias, as revende.

Muitos produtos são obtidos no mercado negro. A notícia circula por telefone se, por exemplo, camarões ou frangos estão disponíveis; consequentemente, quando os cubanos querem adquirir tais produtos para uma ocasião especial, podem não encontrá-los. Um dia, numa das casas que visitamos, chegou um homem com um saco enorme de sorvete de chocolate. Alguém havia mencionado que sorvete estava disponível e lá estava, comprado no mercado negro. Sorvete

é uma paixão nacional e a fila na sorveteria principal em Havana precisa ser vista para que se acredite. Para um cubano comprar um sorvete em pesos é necessário ficar numa fila por mais ou menos uma hora. Estrangeiros, e os poucos cubanos com *cucs* disponíveis, vão para uma fila separada, com outra caixa, sendo atendidos com relativa rapidez.

A circulação clandestina de bens se aplica não somente a alimentos. Algodão, por exemplo, não é encontrado na farmácia. Você será informado por telefone quando alguém tiver algodão para vender e a pessoa passa em sua casa para vendê-lo em *cucs*. Evidentemente, você compra uns seis pacotes, a um *cuc* cada, enquanto tiver a oportunidade. Se você for turista, você simplesmente o compra no hotel ou na loja do *resort*.

O governo vende geladeiras, freezers, televisores e aparelhos de ar-condicionado, ciente de que as pessoas não têm recursos para custear a energia que consomem. O leitor do relógio de consumo pode alterar o cálculo; se você estiver disposto a lhe pagar uns 10 *cucs*, isso possibilita a redução de seu consumo para até 10% daquilo que efetivamente usou. Quando ocorre uma inspeção governamental, você telefona para seu círculo de parentes, amigos e vizinhos para avisá-los; em seguida tranca a casa e sai às pressas até a inspeção terminar, caso contrário a discrepância entre a conta de energia e seu equipamento – TV, geladeira, aparelhos de ar-condicionado etc, seria óbvia demais. Uma das nossas interlocutoras tem um papagaio que fala e aprendeu a gritar "cadê Carmen?" (o nome da dona). Às vezes pessoas como o inspetor pensam que ela está em casa, recusando abrir a porta. Evidentemente, tal esquema significa que o governo precisa subsidiar uma grande parte da conta de energia da ilha. Não é algo benéfico nem para a economia, nem para os cidadãos cubanos que precisam constantemente reinventar a ficção de sua conta de energia. O fornecimento de água para uso doméstico é cobrado como um serviço fixo, independentemente de consumo. Isso implica, novamente, em altos subsídios do governo.

O sistema de transporte público é muito inadequado e não é um serviço que os turistas costumam usar. Há filas imensas por toda parte, um problema tratado com a designação de organizadores oficiais de multidões nos pontos mais congestionados, para controlar os passageiros e encaminhá-los ao ônibus desejado quando, finalmente, aparece. Em janeiro de 2014, foi anunciado pelo governo que as pessoas poderiam comprar carros novos e que o dinheiro arrecadado seria usado para melhorar o sistema de transporte. Porém, o preço de tais carros é muito além do poder de compra da maioria dos cubanos e, portanto, não há melhoras no horizonte.

As lojas para os cubanos são inteiramente diferentes daquelas dos turistas. Nas duas que visitamos, foi necessário deixar nossas bolsas num escaninho perto da entrada. Uma das lojas distribuía plásticos numerados para identificar as bolsas, a outra usava apenas um pedaço de cartolina com um número escrito nela. Uma das lojas estava dividida em duas seções, uma com bens impossíveis de colocar dentro de uma bolsa, como televisores e geladeiras. A outra seção, acessada pela primeira, era equivalente a um supermercado. Tinha que me comprimir para conseguir passar entre a caixa registradora e a guarda de segurança para sair dessa seção. Havia uma longa fila de cubanos aguardando pacientemente para pagar suas diminutas compras.

Depois de um desses passeios de compras, fui para um bar com as pessoas que me acompanhavam. Sentamos numa mesa e pedimos cerveja e Tukola, este último o equivalente cubano da Coca-Cola, com a vantagem de ter menos sódio e açúcar que a versão original,[21] além de estar ao alcance econômico dos cubanos. Quando chegaram as bebidas pedi copos, mas uma das pessoas que me acompanhava esclareceu que os bares que atendem aos cubanos não fornecem copos para seus clientes, com o receio de serem furtados. Além disso, as pessoas também furtam talheres quando surge a oportunidade, pela impossibilidade de comprá-los.

Quando fomos pegar o carro que alugamos, dois amigos que nos acompanharam, ambos com mais de sessenta anos, tiveram que esperar do lado de fora do escritório num calor intenso, durante pelo menos meia hora. A explicação dada era que se tratava de uma questão de segurança. O mesmo cenário se repetiu num banco, onde tivemos que esperar durante muito tempo debaixo do sol porque poucas pessoas podem entrar por vez. A mesma cena ocorreu na Casa de Câmbio, onde havia algumas pessoas magérrimas, aparentando muita pobreza, trocando dinheiro.

Enquanto turista, Cuba me pareceu um dos lugares mais seguros que já visitei. Minha filha ficava tirando fotografias com uma máquina fotográfica Nikon, se projetando fora das janelas de carros, nos famosos táxis triciclos ou dirigidos por motocicletas. Nunca houve o menor sinal de perigo de assalto. De acordo com os cubanos, o impedimento é a longa sentença de prisão para qualquer pessoa que tenta assaltar ou machucar turistas, devido à sua importância econômica. Isso não significa que os cubanos nunca roubam entre si. Uma amiga cubana teve sua bolsa furtada do banco traseiro do carro num posto de gasolina.

As reformas econômicas começaram uns quinze anos atrás, sendo que uma das medidas permite aos cubanos abrirem suas casas para obter alguma renda e oferecerem aos turistas uma opção mais barata do que hospedagem nos hotéis. No entanto, o dono da casa tem que pagar ao governo um imposto de 150 *cucs* por quarto, por mês, independentemente da clientela, e em alguns meses não aparece turista algum. Uma mulher reclamou que uns quatro anos atrás faltou luz e água na sua casa durante uns vinte dias, mas teve que pagar o imposto mesmo assim. Com o dinheiro arrecadado com esse imposto, o governo promete disponibilizar mais moradias para recém-casados, mas algumas famílias tiveram que fechar suas portas devido à impossibilidade de pagá-lo. Os locais alugados são inspecionados duas vezes por mês, e os turistas precisam mostrar seus passaporte e preencher um formulário informando onde passam cada noite. Tais quartos têm ar-condicionamento, um banheiro com azulejos, água quente e assentos nas privadas (algo ausente mesmo nas casas de cubanos de classe média). Num dos quartos onde dormi havia uma parede cor de rosa, uma verde e outra amarela, e o teto era de cimento, indicando a dificuldade de manutenção de tais locais. Isso explica porque as casas particulares que alugam quartos também oferecem refeições, tentando convencer seus hóspedes a comer em casa.

[21] Informação proveniente de Julia Lea de Toledo.

Cuba para nativos e para estrangeiros

A grande vantagem de hospedar-se nas casas dos cubanos é que você é tratado mais como locatário do que hóspede, livre para ir e vir como quiser e deixado em paz.

Em Viñales, tivemos uma vista maravilhosa dos morros em formato de pão de açúcar (*mogotes* – formações de *karst*) da porta do quarto, e a casa tinha um teto plano com um panorama ainda melhor. Em Cienfuegos, ficamos em um quarto de esquina com seu próprio terraço com vista para a baía, em frente a um belo hotel de arquitetura neo-moura, originalmente o Palácio de Valle, posteriormente transformado num cassino por Fulgencio Batista, uma lembrança da riqueza que fluía em Cuba quando era um *playground* para os ricos.

Cuba é um país de colunas e pilares; são encontrados em toda parte, das mais diversas formas, tamanhos e cores, e não apenas nos prédios mais afluentes. Costumam fazer parte da varanda, fornecendo sombra para a casa e seus residentes. Tal arquitetura, embora de inspiração colonial e moura, não é apenas pré-revolucionária. Há também, por toda parte, conjuntos habitacionais mal conservados e esquálidos, de evidente inspiração soviética.[22] São encontrados até em locais relativamente abertos que comportariam casas em vez de prédios de apartamentos; estes últimos supostamente atestando a fé no desenvolvimento. São muito diferentes das belas casas antigas onde os turistas podem hospedar-se.

Os turistas se deliciam com o ambiente carnavalesco de Cuba. Há sempre músicos por perto para fazer serenatas nos bares e restaurantes, e aulas de salsa estão disponíveis para as pessoas mais energéticas. Há frutos do mar em abundância, além de coquetéis refrescantes de rum e hortelã, entre outros. Uma lata de cerveja custa menos do que a metade do preço de uma limonada, esta última uma raridade em Cuba; os turistas podem encontrar até Coca-Cola e cigarros importados dos EUA.

Há poucos mendigos nas ruas de Havana; são afastados dos locais turísticos. Além disso, quase não se veem cachorros ou gatos soltos nas ruas da capital. A explicação que recebi é que são recolhidos em caminhonetes e usados para alimentar os crocodilos, cujas peles são usadas na confecção de sapatos. A pessoa que me deu essa informação não soube me dizer se os animais são mortos antes de serem servidos aos crocodilos.

Hoje em dia encontram-se turistas do mundo inteiro em Cuba, embora haja poucos norte-americanos que, pelo menos até recentemente, eram multados por seu governo se flagrados tentando viajar para Cuba. Tal mobilidade dos turistas contrasta fortemente com aquela dos próprios cubanos. Muitos residentes de Havana nunca tiveram recursos para sair do capital, e muitos outros nunca foram mais longe do que a praia de Varadero, a mais próxima de Havana. As

[22] Em Moscou, conheci conjuntos quase idênticos.

pessoas são muito centradas na família. Um homem que havia visitado muitos países na Europa e mesmo Austrália, como dançarino profissional, acabou voltando a Cuba para ficar perto de seus pais idosos, mesmo que isso signifique, hoje em dia, trabalhar como taxista e residir com seus sogros. Uma mulher atribuiu o receio de ir embora do país à sua parentela numerosa, apesar das dificuldades econômicas. Ela adora as comemorações junto com seus parentes, preferindo isso a deixar o país. Há uma certa ambiguidade quando as pessoas atribuem aos laços familiares a decisão de não sair de Cuba; muitas não conseguiriam vistos para si, e menos ainda para seus parentes idosos se tentassem ir embora.

Após a revolução, Cuba fez grandes avanços na erradicação do analfabetismo e no fornecimento de serviços médicos gratuitos a todos. A educação e o tratamento de saúde ainda são totalmente grátis, mas os equipamentos foram descritos como estando em mal estado de conservação, além de ultrapassados; são disponibilizados apenas medicamentos básicos e mesmo estes costumam faltar. Uma oftalmologista com quem conversamos havia se demitido de seu emprego porque seu salário era equivalente à gasolina necessária para ir trabalhar. Conseguia ganhar melhor organizando festas. Explicou que os cubanos ligados ao aparato do Estado conseguem custear festas caras, como também fazem os cubanos que trabalham e vivem no exterior, em lugares tão distantes quanto a Suíça. Tais cubanos gostam de retornar a Cuba para fazer grandes festas, como, por exemplo, o aniversário de quinze anos das moças. Acaba sendo mais barato voltar a Cuba para tais comemorações do que realizá-las no exterior. Alguns cubanos que conseguem obter um visto para visitar parentes no exterior voltam carregados de bens para vender em Cuba, embora me tenha sido dito que esse tipo de importação estava sendo reprimida em 2014.

Moradia é outro grande problema, sendo que muitos casais com filhos pequenos são obrigados a permanecer morando com os pais de um dos cônjuges, porque lhes faltam recursos para obter sua própria moradia. Na cozinha de uma família que visitamos, havia uma cama para uma filha solteira de trinta anos, devido à falta de disponibilidade de um quarto. Alguém nos falou que muitas casas em Havana deveriam ser condenadas, mas as pessoas continuam morando nelas por falta de alternativas. Um documentário espanhol abordando esse tema nunca foi transmitido na televisão cubana. Na capital, há muito trabalho de renovação paralisado e um andaime havia sido instalado há tanto tempo que estava totalmente coberto de trepadeiras. Aparentemente, muitos empresários espanhóis, atraídos inicialmente para parcerias de renovação de hotéis, desistiram no meio do caminho, insatisfeitos com a contribuição dos cubanos.

A dona de uma das casas onde ficamos hospedados ficou chocada quando expressei surpresa pelo fato de que tais antigas mansões luxuosas não foram expropriadas durante a revolução. Ela respondeu-me que a casa estava com sua família há gerações e que somente as propriedades dos estrangeiros haviam sido expropriadas. Sua casa foi construída pelos escravos, há mais de duzentos anos, e os azulejos foram trazidos da Espanha. Algumas dessas antigas casas coloniais têm parapeitos largos onde as pessoas se sentam para observar o movimento da rua e banheiros de mármore e azulejos requintados no chão, varandas apoiadas em colunas e tetos planos para

observar o mar ou o campo. A procura por hospedagem fornece a oportunidade de adentrar algumas dessas casas antigas. Entramos numa que estava repleta de objetos religiosos católicos, dando a impressão de que a *santeria* não foi a única religião que sobreviveu à Revolução.

A casa onde ficamos hospedados em Cárdenas tinha decoração barroca do tipo Louis XIV no quarto e uma cozinha ao lado com *champagne* num balde prateado, à espera de um consumidor. Nossa anfitriã disse que algumas pessoas preferem hospedar-se lá em vez de no *resort* de praia mais perto, uma opção mais cara. O interior não poderia ser adivinhado do lado de fora. Tinha até uma pequena piscina e um teto plano para fugir do calor. Naquela cidade, que atrai poucos turistas, os táxis são carruagens puxadas por cavalos, não porque a cidade quer ser exótica, mas devido à falta de dinheiro para as pessoas comprarem carros. Ao avistar as frotas de carruagens paradas na rua tive a impressão de estar num parque temático histórico.

Cárdenas oferecia um sossego bem-vindo depois de visitar a cidade colonial de Trinidad. Lá os turistas são assediados pelo *jineteros*, que se oferecem como 'flanelinhas', diurnos e noturnos, e pedem para levá-los aos restaurantes e hospedagem que recomendam, além de tentar vender passeios turísticos. De acordo com uma residente da cidade, a quantidade de pessoas que trabalhavam nos escritórios havia sido cortada pela metade pouco tempo antes da nossa visita, o que explicava o desespero dos desempregados. Ela disse que até câmeras de vigilância foram instaladas no terminal de ônibus, na tentativa de intimidar os *jineteros* e a polícia local que tem reagido de forma extremamente repressora cada vez que chega um ônibus de turistas.

Cidades como Trinidad, renomada por sua arquitetura colonial, têm lojas para turistas; Havana possui até um grande mercado de artesanato, composto de centenas de pequenas barracas. Um dos itens favoritos são os chapéus de palha para proteção do sol; são mais rústicos do que os do Panamá e Equador, que podem ser encontrados também por preços mais elevados. Há estatuetas de madeira, até de ébano (negra e pesada), lindas bengalas ornadas, além das clássicas camisas masculinas – *guayaberas.* Há muitos instrumentos de inspiração africana nos mercados de artesanato, tais como tambores e maracás. E encontram-se imagens de Che Guevara em inúmeros formatos e tamanhos.

O símbolo mais icônico de Cuba, depois de Che Guevara (que nasceu em Argentina), são os carros norte-americanos pré-revolucionários. São muito vendidos como *souvenirs* miniaturas, como são também os taxis triciclos (uma espécie de riquixá) e os taxis puxados por uma motocicleta. Em Havana, os espaçosos calhambeques americanos são pintados com uma gama ampla de cores vivas e são polidos até brilharem embaixo do sol. Muitos servem como táxis turísticos que cobram em *cucs*; outros servem como táxis coletivos para os cubanos, pagos em pesos, e alguns são particulares. Há também táxis clandestinos, carros um pouco mais modernos e modestos, tais como Ladas russos. Em uma corrida num antigo táxi coletivo, de repente, começou a sair fumaça em grande quantidade do painel de instrumentos. O motorista parou no canteiro da rua e depois de no máximo cinco minutos de manipulação de fios pudemos entrar no carro novamente e continuar a viagem. No primeiro carro usado na nossa chegada, eu

estive prestes a perguntar se precisava usar o cinto de segurança, até reparar que nem havia cintos no carro.

Cuba é conhecida por sua música e dança, com seu balé internacionalmente reconhecido, jazz, música com raízes africanas, além da cubana. Assistimos a uma apresentação de música afrocubana na Casa de la Cultura Africana. Foi integrada por seis mulheres e um homem que eram exímios bailarinos, além de terem vozes potentes e melodiosas. Os instrumentos de percussão incluíam tambores horizontais que são também usados em músicas afrobrasileiras.[23] Havia janelas do piso até o teto, que abriam para a rua, separadas por uma grade baixa.[24] O público foi convidado a participar em vários momentos durante a apresentação. Havia um policial de uniforme lá fora, mexendo-se suavemente, acompanhando o ritmo da música. No instante seguinte lá estava ele na pista de dança, sem casaco nem chapéu, dançando vigorosamente, abaixando seu corpo até ficar quase de cócoras e depois levantando-se novamente com muita destreza. Algum tempo depois o reencontramos na rua, novamente na postura de policial, embora tendo sucumbido a um sorriso largo quando elogiei sua habilidade como dançarino.

A santería compartilha algumas características com a umbanda e o candomblé. Seus rituais são geralmente realizados dentro de quatro paredes e não tivemos contato com ela durante a viagem. Conseguimos um convite, mas não pudemos comparecer naquele dia. No avião, saindo de Cuba, havia uma mulher vestida como uma baiana, segurando uma boneca no seu colo, trajada com a mesma roupa. Na semana em que saímos do país, seriam inaugurados voos diretos entre Brasil e Cuba; sem dúvida isso facilitaria os laços entre os afroamericanos desses dois países.

Continua existindo uma separação bastante marcada entre negros e brancos, sendo admitido por um interlocutor que o preconceito racial é ainda forte. Os brancos tendem a estigmatizar os negros como preguiçosos. O estereótipo da mestiça sexy da época pré-revolucionária ainda manifesta-se como pano de fundo. Na porta do restaurante do famoso Hotel Cuba Libre havia uma bela jovem mestiça, alta e magra como uma modelo de revista, empoleirada em sapatos de saltos altíssimos, segurando o cardápio em suas mãos, supostamente contratada para atrair a clientela masculina. Os estereótipos são também evidentes no artesanato, tais como figurinhas de mulheres negras com seios enormes como melões. Uma menina cujo pai é o primeiro membro da família de sua esposa com pele cor de cobre, afirmou ser bege e não negra. O Brasil é caricaturizado como um caldeirão de raças, apesar da abundância de gaúchos e santa-catarinenses de descendência europeia; da mesma forma, em Cuba há muitos loiros de olhos azuis e pele clara, com os negros concentrados entre os pobres.

Praticamente o único sinal da população indígena durante nossa viagem foi um cantor cujo apelido é Índio devido à sua fisionomia. Ouvimos que na parte oriental da ilha encontram-

[23] Uirá Garcia explicou-me que, no Brasil, tais tambores são chamados "*bàtá*" e são usados em cerimônias de Vodun.

[24] É possível visualizar este museu e trechos de música de *santeria* no Youtube. Por exemplo: http://www.youtube.com/watch?v=P0FITLmyuyo&list=PL7wFU2KMB7HqCDofJy0QQjmWhsVrJ8Ntx&index=1 Um clipe desta dança para Oxun (um orixá, segundo Garcia, comunicação pessoal) foi comentado por um nigeriano que o atribuiu ao ritual dos Oshogbo, um povo de língua iorubá. Além de demonstrar a resiliência das religiões de matriz africana em Cuba, assevera que o isolamento desse país foi sempre relativo.

se algumas poucas pessoas com traços indígenas. É a região mais distante de Havana, cujo clima é mais tropical do que em Cuba ocidental, onde se situa a infame prisão de Guantánamo. Numa das casas onde alugamos quartos havia cabeceiras de madeira nas camas, enfeitadas com dois índios olhando na direção de um sino posicionado entre eles, supostamente representando positivamente os missionários que chegaram junto com os conquistadores espanhóis.

Resorts e itinerário turístico

Como notado acima, Cuba é um arquipélago. Uma estrada recém-construída, ao norte da ilha principal, abrange três ilhas - Cayo Coco, Guillermo e Romano, no Oceano Atlântico. O governo não parece estar muito preocupado com seu impacto ecológico. A ilha do meio, Cayo Coco, está sendo parcelado em *resorts* num ritmo acelerado, com muita construção de hotéis. É rodeada por mangue que exala um cheiro nocivo na maior parte de sua extensão, algo que os turistas nos seus ônibus com ar-condicionado não precisam inalar.

Nessa área ainda podem ser encontradas algumas praia desertas; a água é morna e tingida de vários tons de azul turquesa. No entanto, tais praias estão repletas de lixo trazido pelas marés – há toda espécie de plástico e até pequenas garrafas, provavelmente provenientes de Miami. Lamentavelmente, o embargo contra importações não inclui o lixo da Flórida. É possível voar direto para Cayo Coco do exterior, por exemplo, do aeroporto de Manchester, na Inglaterra, via Cooks (uma tradicional agência de viagens britânica), sem sequer ver o resto de Cuba; alternativamente, se pode adquirir um pacote que inclui alguns dias em Havana.

Os hotéis espalham-se em *resorts* suficientemente separados para dificultar o transito a pé entre um e outro. Cada *resort* fornece pulseiras de plástico para identificar seus hóspedes, facilitando o monitoramento de quem entra nos restaurantes e tem acesso à praia situada atrás cada hotel. Num deles conseguimos obter dois sanduíches de queijo no bar de lanches sem sermos detectados como forasteiros. Estávamos famintos e não se pode comprar comida num hotel onde tudo é incluído. O ambiente evocava um navio de cruzeiro, embora tivesse casas para os hóspedes mais abastados e prédios de apartamentos para os menos ricos. Um pernoite custava quase 300 *cucs*; contrastando com o salário mensal equivalente a 45 *cucs* que um dos cozinheiros afirmou ganhar. Havia crianças sendo entretidas por um monitor na piscina do hotel e não na praia, e havia dois meninos obesos deitados num sofá dentro do hotel, assistindo à TV. Vimos ainda um casal que poderia ser britânico, com ar de entediado. Para a noite, estavam agendados um baile romântico e uma discoteca para manter as pessoas entretidas. Tais *resorts* têm uma ou duas lojas.

Num outro *resort*, um pouco menos sofisticado, ordenaram-nos rispidamente a acompanhar um segurança com *walkie-talkie*, só por tentarmos dar uma olhada na praia sem pagar os 35 *cucs* cobrados para usufruir dela por um dia. Ficamos hospedados no único *resort* com preços moderados na ilha inteira. Era pequeno e provavelmente o mais antigo, composto de casinhas

cobertas de palha para assemelharem-se a malocas indígenas, embora se pudesse dirigir de carro até a porta. Os hóspedes são invariavelmente atacados por hordas de mosquitos, como atestam os lençóis manchados de sangue. O *resort* era fumigado duas vezes ao dia com um equipamento tão barulhento que dava a impressão de ser um avião que sobrevoava o local. Asseguraram-nos que não era tóxico, mas não nos convencemos.

Nem os empregados que trabalham nos *resorts* servidos pela estrada podem morar lá. Voltam diariamente à ilha principal, e sua alimentação, transporte e roupa de trabalho são descontados de seu salário mensal. Cayo Coco e as duas ilhas vizinhas dão a impressão de serem uma área de segurança máxima. Mesmo numa praia deserta encontramos um soldado - ainda que estivesse dormindo. Ele nem acordou enquanto estávamos na praia, mas, aparentemente, está fora de cogitação pernoitar numa praia.

No campo, ao longo das rodovias, os carros precisam andar atrás de veículos puxados por cavalos. Na maior parte das rodovias principais, os dois sentidos do fluxo de trânsito são divididos, irregularmente, por cercas vivas quadradas e aparadas, algumas com flores vermelhas de hibisco. É como se houvesse uma insistência de que as forças da natureza precisam ser domadas pela civilização, representada por formas geométricas.

Varadero, não muito longe de Havana, é a praia hoteleira mais antiga de Cuba. Num hotel, onde nos aproximamos da praia furtivamente, fingindo ser hóspedes, o atendente das espreguiçadeiras acabou cedendo à nossa presença, dizendo que não dava para admitir os cubanos desse jeito porque são muito barulhentos e festivos, além de virem munidos de piquenique. Alguns cubanos que moram no exterior frequentam tais hotéis de fato, retornando para visitar seus parentes, ou para seus filhos conhecerem de onde veio sua família, conforme ouvi numa conversa na praia.

Fora dos limites de tais hotéis, com suas praias esparsamente frequentadas, os residentes cubanos podem ser encontrados amontoados naquelas praias que ainda não foram apropriadas pelos hotéis. Foram descritos planos para a abertura de campos de golf como novo atrativo para os turistas mais seletos. Visitamos um *resort* de casas térreas para trabalhadores cubanos (Uva Caleto), que também podem visitar a praia. Era rochosa, com uma banda estreita de areia, sendo inviável transformá-la em *resort* turístico.

Viñales é outra região que atrai os turistas; fica a oeste de Havana, uma área de cultivo de tabaco e de açúcar. Os turistas podem andar a cavalo para visitar os engenhos de açúcar e as plantações de tabaco, ou andar com um guia. Nosso guia havia sido professor de biologia e geografia, mas abandonara essa profissão devido ao baixo salário de 200 pesos. Estava fazendo um curso de seis meses patrocinado pelo governo, pagando 60 *cucs* por mês para adquirir algum conhecimento elementar de inglês e tornar-se guia turístico. Nos cobrou 30 *cucs*, dizendo que tinha que entregar o dinheiro à agência de viagem estatal. No fim do mês receberia 10% de volta; o resto é destinado ao governo.

Até visitar uma cachoeira é relativamente caro para os turistas. Numa que fica perto de um sanatório kafkiano gigantesco, da era Batista, cada turista tem que pagar 9 *cucs* ao governo apenas para andar até a cachoeira. Os cubanos podem geralmente visitar tais lugares de graça. Costumam beber rum nas cachoeiras, abandonando as garrafas no local. Maconha é praticamente inexistente em Cuba, sendo totalmente proibida pelo governo.

Não existem mais as famosas fábricas onde alguém lia histórias em voz alta para os trabalhadores enquanto eles confeccionavam os charutos à mão. Os turistas podem visitar um cultivador de tabaco em regiões como Viñales, onde alguém demonstra como os charutos são fabricados. Os artesões que fazem os charutos entregam sua produção ao Estado, mas ficam com 10% para revenderem, preferencialmente em troca de *cucs* e não pesos. Os *jineteiros* vendem charutos legítimos e falsificados que, junto com rum, são as principais aquisições dos turistas, vendidos em lojas com ar-condicionado.

À esquerda do Estado

As pessoas falam em trabalhar "à esquerda do Estado" (*a la izquierda del Estado*); no contexto cubano significa obter alguma renda que não será tocada pelo Estado. Todos são obrigados a fazer isso devido aos baixos salários. Está em curso uma grande onda de demissões, algo teoricamente contrabalanceado pelo incentivo ao ingresso do setor privado, gerando mais impostos para o governo.

São principalmente as pessoas acima de setenta anos de idade que continuam a expressar fé no governo, provavelmente porque sua juventude foi dedicada a fazer a revolução acontecer. Uma senhora idosa, que deveria ter mais de oitenta anos, me contou como se apaixonou por seu marido ao avistá-lo de uniforme, quando passou por baixo de sua janela de motocicleta. Depois disso ela entrou na milícia. Seu marido me mostrou, orgulhoso, sua fotografia na juventude, assegurando-me com bom humor que eu também teria me apaixonado se o tivesse conhecido naquela época. Ainda possui seus brilhantes olhos azuis como muitos cubanos que chegaram das Ilhas Canárias.

Esse casal nos mostrou um quarto no andar superior de sua casa, ligado ao apartamento da filha, com um banheiro e uma escada até a garagem. O marido é habilidoso, escreve poemas e fabrica camas de ferro de cujas vantagens se gaba, como o fato de não emitirem barulhos. Perguntou, rindo, se eu sabia porque o espelho da parede ao pé da cama estava inclinado. Disse que contava para seu neto que servia para pentear os cabelos enquanto estava deitado. Essa suíte serve como o equivalente a um motel, garantindo alguma renda extra à família.

As pessoas ficam super animadas ao conversar sobre o jogo clandestino conhecido com *la bolita*.[25] Um homem que ganha seu sustento com esse jogo explicou, seus olhos a reluzir, que, por

[25] Não há qualquer descrição de *la bolita* na versão de Wikipédia em espanhol e, por ser totalmente ignorante a respeito do jogo do bicho, não sei dizer o quanto esses dois jogos se assemelham.

exemplo, se você vê um cachorro atropelado por um carro, você pode se inspirar e apostar nos algarismos que correspondem à placa do carro. Os números ganhadores, com o primeiro, segundo e terceiro número valorizados distintamente, em termos do valor do prêmio, correspondem àqueles da loteria nos EUA, embora em Cuba cada número seja também representado por um símbolo visual, como um animal. Já que os cidadãos normais não têm acesso à internet, precisam fazer uma conexão clandestina para descobrir quais números ganharam. Existem até bancos clandestinos onde o dinheiro é guardado. O entusiasmo com que esse homem explicava o funcionamento de *la bolita* me lembrava do jeito que os brasileiros falam apaixonadamente de futebol. Uma velha senhora com mais de oitenta anos de idade, que praticamente não se levantava de sua cama, emergiu repentinamente de sua apatia quando perguntei para seu neto sobre *la bolita*. Sentou ereta na cama de repente e entrou na explicação entusiasmadamente.

A pensão de velhice vale somente 200 pesos, levando alguns idosos a venderem coisas como rum, para um pequeno lucro, para não passar fome. Um dia observei um velho sentado na soleira de sua casa, suas muletas no chão a seu lado. Estava vendendo quatro abacates por 5 a 10 pesos cada. Horas mais tarde, ao voltar para a mesma rua, ele ainda estava lá sem ter conseguido vender os abacates obtidos de seus parentes no campo. Alguém me explicou que se fosse flagrado pela polícia seria multado por não ter uma licença e, portanto, não pagar impostos. Era inimaginável como ele poderia pagar uma multa. Em Sancti Spíritus, conhecemos um velho senhor de 87 anos de idade que viaja diariamente 2 km de bicicleta para plantar mangas numa cooperativa que as exporta a Canadá. Ele também estava com problemas por estar plantando alguns outros produtos sem licença.

Um cubano explicou que existe uma espécie de sistema de classe. O escalão no topo é composto pelos cubanos que trabalham no exterior e por aqueles que viajam constantemente para fora do país. Ganham muito mais do que qualquer pessoa dentro de Cuba. Aquilo que constitui uma classe média de fato é composta por aqueles com parentes fora de Cuba que lhes enviam dinheiro regularmente. Cem dólares rendem bastante em Cuba. Porém, convém que seja trazido pessoalmente por parentes ou amigos, pois sendo os EUA o inimigo principal de Cuba, devido ao embargo, o governo cobra um imposto de 13% para trocar dólares em *cucs*. Isso inclui dinheiro enviado via a empresa Western Union; então, do parente que enviou US$ 100,00 se recebe apenas o equivalente a uns US$ 80,00. Foi afirmado que, anos atrás, alguém seria enviado à prisão se flagrado com dólares.

Um amigo nosso recebe US$ 100,00 por mês de cada um dos dois filhos que migraram à Florida, onde trabalham como barbeiros. Quando moravam em Cuba eram dançarinos e seu pai, alguém que nunca saiu de Cuba, anseia juntar-se a eles. Isso demonstra ser impossível criar uma distinção clara entre as famílias que permanecem em Cuba e aquelas que foram embora para os EUA; as primeiras dependem das segundas, formando uma rede.

As pessoas mais pobres são aquelas que não têm acesso aos *cucs*. Um homem explicou que, por não depender das rações governamentais, consegue permutar os produtos disponíveis através de sua caderneta de racionamento com uma senhora que deles precisa; em troca, ela faz a faxina da

casa dele sem receber dinheiro. Numa das casas onde ficamos hospedadas, havia a possibilidade de pagar uma moça em *cucs* para lavar e passar a roupa. Já que a situação daqueles totalmente dependentes de pesos cubanos está tornando-se cada vez mais insustentável, uma quantidade crescente de jovens aposta sua sorte no turismo, levando a situações como aquela descrita na cidade de Trinidad. Alguns cubanos mais velhos e amargurados reclamam que os jovens não querem trabalhar, tentando sobreviver dos turistas como parasitas, devido à sua desilusão com o valor dos salários pagos pelo Estado.

Em função da falta de informações sobre o mundo externo e devido à dificuldade em sair do país (algo que está sendo gradativamente reavaliado), os cubanos tendem a idealizar a vida fora de seu país, no mundo capitalista orientado ao consumo, desconhecendo quase inteiramente sua crise econômica e as taxas de desemprego. Uma das poucas alternativas à televisão estatal cubana é um canal de TV venezuelano. É vedada internet nas casas particulares e o único jeitinho é encontrar um estrangeiro disposto a delegar seu direito a esse serviço para um cubano. Em alguns cafés turísticos encontram-se serviços de internet, mas o preço médio de 9 *cucs* por hora impede o acesso da maioria dos cubanos. Os hotéis para turistas têm internet, cobrada por hora através de cartões obtidos na recepção.

As pessoas sabem da existência de serviços como Skype e Facebook, por terem ouvido falar através de seus parentes ou por tê-los visto nas telenovelas. Até quem ligar para Cuba via Skype irá se defrontar com o embargo. É mais caro ligar para Cuba do Brasil do que para a Europa. Uma família contou que o pai havia sido preso alguns anos atrás ao entrar num táxi carregando um televisor. Foi suspeito de tê-lo obtido no mercado negro, mas conseguiu ser solto pouco tempo depois. Os cubanos são grandes fãs das telenovelas brasileiras, falando delas com muita admiração, junto com o samba, enquanto o interesse por futebol é mínimo.

As mulheres têm opções limitadas relativas à compra de roupas, mas usam uma fartura de acessórios baratos, embora muitas também usem brincos de argola de ouro. Colares coloridos, pulseiras, anéis, enfeites de cabelo são usados por mulheres e meninas, importados de China. Durante nossa visita, a moda era o uso de unhas falsas, cada uma pintada de uma cor diferente, ou com as pontas adornadas distintivamente, com cores cintilantes e detalhes com purpurina, como vimos nas mãos de uma *jinetera* que gesticulava com suas garras coloridas enquanto conversava. Por algum motivo misterioso, o *Union Jack* (a bandeira britânica) faz um sucesso enorme, moda descrita como não sendo recente. É usado para enfeitar calças, camisetas, bolsas, motocicletas etc. É tão ubíquo que os cubanos poderiam reivindicar sua resignificação, sendo provável que a maioria ignore sua origem.

Durante uns três anos, até o fim de 2013, parentes visitando Cuba do exterior costumavam trazer roupas para serem vendidas em pequenas lojas e nas vendas na frente das casas. Perguntei a respeito de um par de sapatos de salto alto de cetim roxo e dourado; a dona da loja me informou, orgulhosa, que veio da Itália. Evidentemente, em casos como esse, cada item é exclusivo, limitado a um único par e tamanho. Soube que o governo mudou a lei no início de 2014, suspendendo a venda de roupas não confeccionadas no local de venda. Nos bairros residenciais, não turísticos,

como Regla, alcançável de Havana via barco (análogo à distância entre Rio de Janeiro e Niterói), as calçadas que desembocam no porto estavam lotadas de pequenas barracas em frente às casas, vendendo produtos como DVDs pirateados, porcas e parafusos, esmalte de unhas e um monte de outras coisas.

Uma das empresas de pequeno porte aprovadas pelo governo há mais tempo é o *Paladar* – um restaurante administrado por uma família que atende principalmente à população local ou aos turistas, de acordo com o lugar onde está situado. Inicialmente a quantidade de cadeiras disponíveis era muito limitada, para evitar a emergência de uma pequena burguesia. Recentemente, o governo vem permitindo a expansão dessas empresas, embora algumas acabem fechando devido à carga tributária. Em Trinidad, algumas casas abriram até sua sala para a rua como restaurante. Uma dessas casas servia espaguete com extrato de tomate. *Fast food* para viagem, como pizza e refrescos, são um sucesso com os turistas e a população local, enquanto os restaurantes dedicados especificamente aos turistas são considerados totalmente inacessíveis pelos cubanos.

A escassez de transporte público faz com que os cubanos tenham a expectativa de carona daqueles turistas que podem andar de carro. Perguntei para uma senhora negra e humilde a quem demos uma carona o que ela achava sobre a situação do país. Respondeu que tinha medo de falar, apontando para o rádio e dizendo que alguém poderia estar escutando. Isso exprime tudo que precisa ser dito sobre o ambiente de medo em Cuba, que me lembrava o do Brasil durante a ditadura. As manifestações são totalmente proibidas e os presos políticos são camuflados como presos comuns. Protestos são organizados pelas "mulheres de branco", exigindo que sejam soltos, mas tais ações mobilizam outras mulheres dos comitês de "defensoras da revolução" que acusam as mulheres de branco de estarem mentindo. No passado, algumas pessoas consideradas subversivas simplesmente desapareceram.

Propaganda política

O Museu da Revolução está em decadência – uma alegoria do estado atual do país. Algumas etiquetas são tão desbotadas que não dá para ler o que está escrito e há ferrugem nos cantos onde estão afixadas às paredes. O aeroporto de Havana também exemplifica a decadência de Cuba. Há pássaros voando soltos na sala de embarcação e faltam tampas nas privadas. Ao entrar no banheiro e ao lavar as mãos, uma senhora entrega papel higiênico, juntando moedas num pires, em pesos e *cucs*. Nosso voo na linha aérea cubana atrasou quatro horas para sair de Havana, e nenhuma explicação foi oferecida. Algumas pessoas estavam esperando há dias devido ao *overbooking*.

Propaganda política está em evidência por toda parte na forma de cartazes, murais e monumentos, exaltando as virtudes da revolução com dizeres retóricos. O rádio estava repleto de mensagens didáticas a respeito da comemoração do 60º aniversário da revolução e havia cartazes

gigantescos relembrando o significando da data de 26 de julho. Naquela data em Havana tudo continuava normal, as comemorações principais sendo realizadas na parte oriental de Cuba, local de nascimento de Fidel e Raúl Castro.

Souvenirs de Che Guevara estão disponíveis por toda parte, um grande sucesso entre os turistas. Há pelo menos uma praça renovada em Havana que vende livros de segunda mão relacionados a Che e Fidel. Che Guevara poderia ser descrito como o equivalente a um santo padroeiro. Há imagens dele em todo lugar, além de um monumento grande e um museu na cidade de Santa Clara, junto com um mausoléu, com um cemitério situado ao lado para aqueles que deram sua vida pela Revolução. As palavras de Fidel, inscritas no muro do monumento, constituem quase uma declaração de amor a Che. Em Cuba não se fala do motivo de Fidel ter anunciado em público que enviara Che à Bolívia, depois de haver declarado que era uma missão secreta. Fidel, apesar de estar debilitado, continua sendo a figura carismática que encabeça simbolicamente o país. Isso explica porque algumas medidas que poderiam ser impopulares, ou consideradas contrárias aos ideais da revolução, foram deixadas para serem implementadas por Raúl, tais como as pequenas reformas econômicas permitindo o estabelecimento de microempresas. Raúl carece do carisma de Fidel. Veem-se muitos turistas com a imagem de Fidel estampada em camisetas, mas ele é menos usado pelo governo, que se concentra em Che Guevara pois, estando morto, torna-se irrepreensível.

Em Cuba, lembrei-me da afirmação de uma amiga brasileira, há uns 35 anos, de que o Brasil era pobre demais para preocupar-se com questões ecológicas. Em Regla, perto de Havana, a saúde das pessoas é prejudicada por uma chaminé industrial na proximidade que exala fumaça tóxica e o lixo ficava na rua durante dias a fio devido à falta de caminhões públicos para recolhê-lo. Corais do mar são vendidos nas lojas turísticas e usados para enfeitar as paredes, até na estufa do jardim botânico de Cienfuegos.

Conclusão

Apesar da ausência de norte-americanos em Cuba, o poderio militar dos EUA se faz sentir pela continuação da prisão de Guantánamo,[26] além do embargo devastador, um anacronismo da Guerra Fria. O Estado cubano é constantemente audível via propaganda no rádio e na televisão sobre liberdade, igualdade e os méritos da revolução. É também visível em toda parte por meio dos slogans postados em lugares públicos.

O Estado cubano tributa excessivamente seus cidadãos e estes retaliam ao privar o Estado de sua receita na medida do possível (outra analogia com o Brasil). Um homem afirmou que, no passado, o '*apartheid*' era maior do que hoje em dia. Aos cubanos não era permitido

[26] Um jornalista, especialista em assuntos cubanos há décadas, Michael Voss, meu ex-colega de curso em 1971, frisou (perante minha incredulidade) que Cuba simplesmente não tem o poder militar necessário para livrar-se da base de Guantánamo.

associar-se com os estrangeiros, viajarem nos mesmos ônibus ou hospedarem-se nos mesmos hotéis. Mesmo que o governo tenha flexibilizado essas regras, o dinheiro continua separando as pessoas.

Cuba me deixou a impressão de ser uma bomba prestes a explodir, quando morrer Fidel ou quando finalmente terminar o embargo. A dependência cumulativa em relação ao turismo é muito arriscada, deixando o país à mercê de flutuações de câmbio e competição de alhures, incluindo outras ilhas do Caribe, que poderia levar os turistas a escolher outro destino. Depois de livrar-se da máfia e dos cassinos, Cuba está a caminho de tornar-se mais uma vez um *playground* para os ricos.

Algumas pessoas disseram que na escola as crianças passam de ano automaticamente para melhorar o *ranking* de Cuba nas tabelas internacionais. Os cubanos comuns não estão a par da polêmica nos meios de comunicação no Brasil desde meados de 2013, a respeito da importação de médicos cubanos. Além de serem enviados aos lugares onde os brasileiros recusam ir, a maior parte de sua remuneração fica com o governo cubano, os próprios médicos ganhando muito pouco. Dilma Rousseff comparou essa importação dos médicos cubanos a um fenômeno parecido na Inglaterra. No entanto, os habitantes das ex-colônias britânicas reclamaram veementemente que o Reino Unido os priva dos médicos de que precisam, atraindo-os à Inglaterra por salários mais altos do que ganhariam no país que investiu em seu treinamento, em vez do Reino Unido investir mais na formação de seus próprios médicos.

A disparidade de riquezas é um fenômeno global, assim como o desemprego e o subemprego. Muito daquilo que foi dito neste ensaio sobre Cuba aplica-se igualmente ao Brasil, tal como a falta crônica de moradia e serviços públicos e até as pessoas que assediam os turistas nas praias do Nordeste. O que surpreende nesse *déjà-vu* é que Cuba e Brasil são supostamente sistemas antagônicos – comunismo[27] *versus* capitalismo. Porém, este ensaio não constitui uma avaliação do governo cubano; é apenas uma etnografia.

As partes constitutivas de Cuba não somam uma totalidade, nem sequer a perspectiva dos turistas – parcialmente hedonista, parcialmente nostálgica, parcialmente apenas curiosa. Este ensaio tenta realçar a tenacidade dos cubanos. Cabe ao leitor julgar até que ponto o texto e as imagens constituem uma narrativa comum. Pessoalmente a luminosidade de Cuba destacou-se ao olhar as imagens, algo que até poderia ser descrito com palavras, mas que o texto omite. Além disso, o *ethos* macho me impactou mais ao olhar as imagens do que ao visitar o país, por contraditório que possa parecer.

No momento em que este ensaio vai ao prelo, está sendo exibida no canal BBC de televisão uma propaganda sobre a Cuba "autêntica"[28] retratada como um paraíso tropical. Nisso, lembra o estereótipo do Brasil no exterior, "para inglês ver". No Brasil, alguns porta-vozes da direita justificam o golpe militar alegando que havia medo do país tornar-se outra Cuba. Atualmente, as consequências das décadas de boicote econômico e as reformas neoliberais, incluindo o

[27] Os cubanos usam como sinônimos socialismo e comunismo.

[28] http://autenticacuba.com, do Ministério de Turismo cubano (Mintur).

investimento em turismo de luxo, têm maior probabilidade de transformar Cuba num outro Brasil, já que não consegue escapar da tendência mundial à crescente desigualdade econômica.

Epílogo: sobre ontologias

> "…onde elementos que fazem parte de um sistema são também, em outra dimensão, concebidos como partes de outros".
>
> Marylin Strathern (1992: 188, tradução minha)

Perspectivas, no senso comum, podem remeter a representações de uma mesma realidade. O debate sobre ontologias (por mais heterogêneas que sejam as abordagens) postula a existência de múltiplos mundos – produtos de ontologias distintas. O conceito de representação vem sendo abandonado por pressupor uma única realidade objetiva, representada de diversas maneiras. Um ponto importante ressaltado por McCallum (2014: 506) é que ontologias não são fixas, com fronteiras rígidas; são dinâmicas e flexíveis, e ao mesmo tempo resistentes, uma força favorecendo continuidade. Evidentemente, a oposição traçada neste ensaio entre a ontologia do Estado e do povo é mais permeável do que aquela que separa os turistas dos cubanos.

Agradecimentos

Agradeço a Julia Lea de Toledo, Paolo Vargas, Patricia Carvalho e Caio Navarro de Toledo pelos comentários a este texto, e a Uirá Garcia pelos esclarecimentos sobre instrumentos de origem africana e um orixá. Sou igualmente grata pelo parecer de Rodrigo Charafeddine Bulamah, que fez uma leitura minuciosa que rendeu várias sugestões e críticas. Rodrigo me convenceu a verter o texto do inglês ao português e fez algumas sugestões bibliográficas. Depois da tradução do texto, não encontrei tempo e fôlego para acatar todas as modificações sugeridas pelos diversos leitores. Portanto, a responsabilidade pelo que está escrito é inteiramente minha.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Mauro W B. Guerras Culturais e Relativismo Cultural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, pp. 5-14, 1999.

_____. Caipora e outros conflitos ontológicos. *R@U Revista de Antropologia da UFSCar*, v.5, n.1, pp.7-28, 2013a.

_____. What is the ontological turn in Anthropology?. **IV Reunião de Antropologia da Ciencia e da Tecnologia (IV ReACT).** 23 à 27 de setembro de 2013. Universidade Estadual de Campinas, 2013b.

BEUVELET, Olivier. *Parergon: notes sur des objets visuels - Silvia Baron Supervielle et le corps maternel de la photographie*. 2013. Disponível em : http://culturevisuelle.org/parergon/archives/1951. (Acessado em: 14 de junho de 2013)

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com Aspas*. São Paulo: Cosac-Naify, 2009.

CARRITHERS, M., M. CANDEA, K. SYKES, M. HOLBRAAD, and S. VENKATESAN. Ontology Is Just Another Word for Culture: Motion Tabled at the 2008 Meeting of the Group for Debates in Anthropological Theory, University of Manchester. *Critique of Anthropology*, 30 (2), pp. 152–200, 2010. Disponível em: http://coa.sagepub.com/content/30/2/152

DESCOLA, Philippe. *La Nature Domestique: Symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1986.

_____. *As Lanças do Crepúsculo*. São Paulo: Cosac-Naify, 1993 (2006).

EVANS, Nicholas. *Dying Words: Endangered Languages and What They Have To Tell Us.* Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

Eyewitness Travel: Cuba. 2011. London: Dorling Kindersley.

HENARE, A., HOLBRAAD, M. e WASTELL, S (orgs.) *Thinking through things: Theorising artifacts ethnographically.* London: Routledge, 2007.

HOLBRAAD, Martin. The power of powder: multiplicity and motion in the divinatory cosmology of Cuban Ifá (or *mana*, again). In: Henare, A., Holbraad M. e Wastell, S (orgs.) *Thinking through things: Theorising artifacts ethnographically.* London: Routledge, 2007.

HOLBRAAD, M. e PEDERSEN, M. A. The Politics of Ontology. Fieldsights - Theorizing the Contemporary, *Cultural Anthropology Online*, January 13, 2014. Disponível em: http://culanth.org/fieldsights/461-the-politics-of-ontology

LEA, Vanessa. A virada ontológica: um novo fôlego para antropologia, comunicação feita durante a XIV Semana de Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara, 2013.

_____. Aguçando o entendimento dos termos triádicos Mebêngôkre via os aborígenes australianos: dialogando com Merlan e outros. *Liames*, Campinas: IEL/UNICAMP, n. 4, pp. 29-42, 2004. Disponível em : http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/liames/article/view/2151

LÉVI-STRAUSS, C. *Le totémisme aujourd'hui*. Paris: PUF, 1962.

_____ *O suplício de papai Noel*. São Paulo: Cosac-Naify, 1982 (2008).

McCALLUM, Cecilia. Cashinahua perspectives on functional anatomy: Ontology, ontogenesis, and biomedical education in Amazonia. *American Ethnologist*, vol. 41, n. 3, pp. 504-517, 2014.

PHILLIPS, Caryl. *Color me English: Migration and Belonging Before and After 9/11*. New York. The New Press, 2011.

POSCOCCO, Silvia e PHILLIPS, Simon. *On queer merographies*. http://www.gold.ac.uk/media/silvia%20live%20soc.pdf

SAINSBURY, Brendan e WATERSON, Luke. *Cuba: Lonely Planet Guide*, 2011.

STOLCKE, Verena. 'Talking culture'. *Current Anthropology*, 36 (1), pp. 1-24, 1993a.

_____. Cultura Européia: uma nova retórica da exclusão? *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 8 (22): 20-31, 1993b.

STRATHERN, Marilyn. *After Nature: English kinship in the late twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____ *Property, Substance and Effect. Anthropological Essays on Persons and Things*. London: Athlone Press, 1999.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. New York: J. P. Putnam's Sons, volume 1, 1920 [1871].

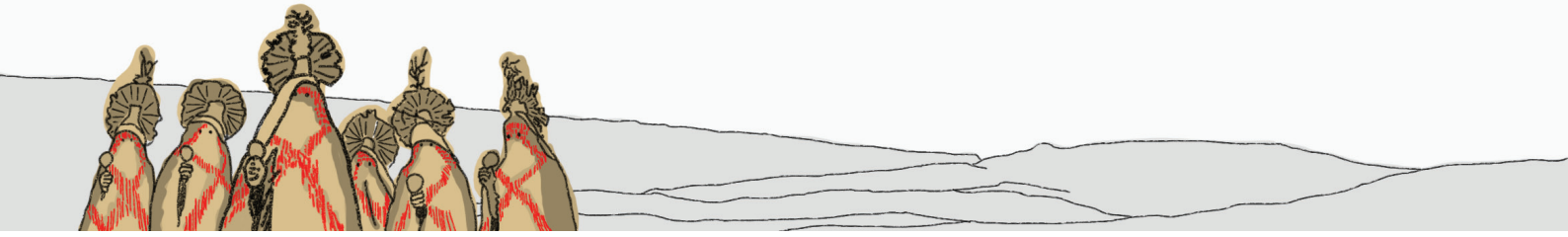
Livros recomendados sobre Cuba

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Outras ilhas: espaços, temporalidades e transformações em Cuba* (org.) Rio de Janeiro: Editora Aeroplano/FAPERJ. 2010.

STOLCKE, Verena. *Marriage, class and colour in nineteenth-century Cuba: a study of racial attitudes and sexual values in a slave society*. Cambridge: Cambridge University Press. 1974.

164A

HHS615

SENTarse

555